

# Crédito de 3,5 bilhões, na dependência do FMI

**NAPOLEÃO SABOYA**  
**Especial para O ESTADO**

**PARIS** — O empréstimo de US\$ 3,5 bilhões que o Brasil está pleiteando junto à rede bancária internacional dependerá da conclusão, com êxito dos acordos que vêm sendo negociados entre o governo brasileiro e o FMI para o reajustamento da política econômica do País. Essa era a impressão que predominava, ontem, nos meios financeiros de Paris, junto aos quais o ministro Delfim Netto empreendeu, nos últimos dias, uma série de gestões para "colocar em perspectiva" o novo pedido de crédito.

Os banqueiros franceses, segundo as informações até agora disponíveis, limitaram-se a ouvir o ministro brasileiro e a expressar o desejo de que o Brasil cumpra as exigências do FMI, "pois esta seria a única forma de o País sanear suas finanças e pagar os juros de sua dívida, mesmo reescalonada. Em suma, os franceses não prometeram nada a Delfim Netto. Ao contrário, mostraram-se reticentes durante as conversas com o ministro brasileiro, a quem teriam

anunciado que doravante, eles agirão em conjunto e de acordo com as orientações do comitê de banqueiros de Nova York toda vez que tiverem de negociar com o Brasil. Neste caso, a eventual concessão de créditos se fará "nas condições vigentes no mercado", sem que nenhuma vantagem seja conferida ao Brasil.

Nos meios financeiros da capital francesa, prevalece, igualmente, a impressão de que os grandes países credores do Brasil apoiarão o pedido de reescalonamento de sua dívida com garantia oficial no âmbito do Clube de Paris, mas não se acredita que o organismo adote qualquer decisão antes da provável formalização, em outubro, dos acordos entre o Brasil e o FMI.

De resto, a decisão do País de suspender o pagamento de juros de suas dívidas contraídas junto aos países-membros do Clube de Paris não causou surpresa aos representantes da comunidade financeira, os quais estavam certos de que o Brasil chegara a um ponto de estrangulamento insuportável. Na manhã de ontem, o ministro Delfim Netto voltou a encontrar-se com o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière.